



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ASSINATURA DE DECRETO QUE
INSTITUI O PROGRAMA DE
EMERGÊNCIA PARA SUPRIMENTO
DE ENERGIA ELÉTRICA
AO NORDESTE

Palácio do Planalto
27 de julho

O desenvolvimento econômico não pode ser feito sem energia e o Nordeste, a parte mais sacrificada do Brasil, carece de uma atenção especial, com referência ao setor energético.

22 de julho — «O Brasil, agora, é uma nau que tem rumo certo», comenta o Presidente José Sarney, depois da reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico, que aprovou o Plano de Controle Macroeconômico do Ministério da Fazenda.

Desejei que esta assinatura de um decreto criando um plano de emergência para as obras de energia no Nordeste se revestisse deste encontro entre o Governo Federal e as bancadas do Nordeste, bancadas estas que tanto têm trabalhado por aquela região, lutado pelo equacionamento dos seus problemas e pela solução das angústias do sofrido povo nordestino.

Quando convidei o ministro Bresser Pereira para ser meu Ministro da Fazenda, fiz-lhe três recomendações. Uma delas foi a de que nós não faríamos nenhum corte de recursos para a região nordestina justamente porque, sendo a região mais pobre, ela não tinha condições de suportar mais sacrifícios do que os sacrifícios que já vinha suportando ao longo de tantas décadas.

Hoje nós estamos aqui assinando um decreto que cria um programa de emergência, que antecipa algumas obras previstas no Plano de Recuperação de Energia. E assim o fazemos para que, de uma maneira especial, possamos controlar recursos e, ao mesmo tempo, o andamento físico das obras. Como bem definiu o ministro Aureliano Chaves, uma coisa dependerá da outra. Os recursos serão colocados à disposição das obras a serem realizadas e as obras não poderão, também, ser retardadas em nenhum instante.

Mas é preciso que se diga algumas palavras sobre o problema de energia no Brasil. Nós todos sabemos que o desenvolvimento econômico não pode ser feito sem energia e sem transporte. A cada percentual que se queira crescer no bolo econômico teremos que crescer em matéria de energia. Mas, se quisermos crescer 1%, teremos que crescer em energia 1,2%. Se quisermos crescer 1%, teremos que crescer, também em transporte, mais de 1%, senão criaremos pontos de estrangulamento.

Acontece que, com a grande recessão econômica, o plano de energia do Brasil, que vinha se desenrolando dentro daqueles parâmetros das necessidades do País, sofreu um grande retardamento. Como diminuiu o consumo de energia, paralisaram-se as obras. E corresponde, justamente, à minha assunção ao Governo, o momento em que nós estávamos numa grande defasagem do plano de energia do Brasil. Nós tínhamos atrasos de cerca de 40 meses na montagem de turbinas em relação a Itaipu. Assim, nós estávamos, e estamos, num limite no qual ficamos à mercê da própria natureza, uma vez que a maioria da energia gerada no Brasil é energia de fonte hídrica e, portanto, sujeita às chuvas e às secas.

Pois bem, foi justamente nesse limite que nós sofremos o problema de estiagem um ano no Sul e no outro ano em relação às bacias hidrográficas do Nordeste. Isto ameaçou, por um lado, sermos levados a racionar a energia no Centro-Sul, o que significaria paralisação em grande parte do centro industrial do País, e obrigados a racionar energia no Nordeste, uma região com tantos problemas, acrescida de mais esse problema.

Em relação a Itaipu, fizemos a recuperação desse tempo perdido. Recuperamos esses 40 meses pondo em marcha duas turbinas, e até março do próximo ano colocaremos mais três turbinas em funcionamento. Tivemos que fazer a linha de corrente contínua de Itaipu até São Roque, e o fizemos num prazo extremamente curto, o que honra a engenharia brasileira que passou a dominar uma tecnologia até então desconhecida para transportar energia a longas distâncias.

No que se refere também ao Nordeste, a solução dessas obras aí está. Devemos ao trabalho do Ministro das Minas e Energia, através de suas subsidiárias, o primeiro passo para que o Brasil não sofresse nessa área. Foi o Plano de Recuperação do Setor Energético que procurou ordenar este setor e que corresponde a este Governo. O ordenamento, num trabalho de grande envergadura, pôde recuperar aquela dinâmica de que o Brasil precisa para não ter nenhum colapso no seu setor energético.

E agora, com relação ao Nordeste. Como disse o ministro Aureliano Chaves, já que nós tínhamos chegado àquele limite de risco, sendo o Rio São Francisco um rio seco, nós tivemos problemas graves, e só não foram maiores porque realmente há alguns meses tivemos algumas chuvas que não eram mais esperadas. Para solucionar esse problema nós temos que tirar o Nordeste dessa faixa de risco. E, para isso, são necessárias algumas obras fundamentais que foram retardadas. Mas nós estamos recuperando o tempo perdido. Uma delas, Itaparica. No que se refere ao reservatório de Itaparica, 7 mil famílias que lá estavam, e ainda estão, não tinham ainda desocupado o reservatório enquanto a barragem e a montagem das turbinas estavam em vias de avançada conclusão. Sabemos todos qual é o problema de remanejamento de pessoal que fica no reservatório de barragens.

Por outro lado, a energia de Tucuruí é em grande parte desperdiçada porque aquela região não tem consumo bastante para a dimensão da Usina de Tucuruí. Então, o excesso da rentabilidade daquela hidrelétrica permite justamente fazermos uma interconexão dela com o Nordeste, que precisa ainda mais ser suprido de energia. Nós já te-

mos uma interconexão do sistema de Tucuruí com o sistema da CHESF, mas é uma linha não confiável, que acho que não tem suporte para aguentar uma carga maior do que cerca de 900 mil quilowatts. Então, temos que fazer o Linhão de Tucuruí, e num prazo que deve se encerrar até março do próximo ano. Para isso, já estão montadas quatro frentes de trabalho e nós estamos, hoje, colocando recursos à disposição dessas frentes de trabalho, que serão acompanhadas pelo Ministro das Minas e Energia, pelo Presidente da República, de modo que ela possa ser terminada dentro desse prazo.

Temos também a outra linha de transmissão de Sobradinho, e também já colocamos em funcionamento as termelétricas que estavam paradas. Também estamos adquirindo outras termelétricas, que virão para ficar como reserva adicional dentro do sistema nordestino.

Assim, com esse conjunto de obras, com a conclusão de Itaparica, com a colocação em funcionamento de duas turbinas de Itaparica, no princípio do próximo ano; colocando também em marcha três turbinas de Tucuruí, nós temos a certeza de que o Nordeste pode esperar pela conclusão de Xingó, cujas obras já foram iniciadas também há pouco tempo, neste Governo, e espero no próximo mês ir a Xingó com o senhor Ministro das Minas e Energia e fazermos o desvio do rio, já que as ensecadeiras estão sendo concluídas.

Estes fatos justificavam a nossa reunião nesta tarde. Para dizermos, mais uma vez, aquilo que tantas vezes repeti como deputado, como senador, como governador e como conselheiro da SUDENE, que o Nordeste é o mais grave problema nacional, porque é o único problema deste País que tem o germe do ressentimento e que nós não podemos deixar crescer, no Brasil, sob pena de comprometermos aquela unidade histórica, geográfica e política, que fez, faz e fará a grandeza do País. Corremos esse risco se não dermos a necessária atenção para a solução dos problemas mais graves daquela região.

Isto não é trabalho de um governo, é uma decisão da consciência nacional. E é em nome dessa consciência nacional que, em meio aos esforços que estamos fazendo neste

instante, para colocar a economia dentro de controles, que nós, remanejando recursos, estamos destinando a este programa energético do Nordeste 55 bilhões de cruzados, ou mais, se colocarmos em dólares, mais de 1 bilhão de dólares, para serem aplicados nestas obras. Esforço que será feito num instante difícil do País. Instante difícil mas em que, graças a Deus, nós já começamos a ver o outro lado do túnel, sem deixarmos de ver também o que passou, que foram vitórias e conquistas que representam o esforço extraordinário do Governo.

Quando assumimos a Presidência da República nós estávamos num período de recessão. E nestes dois anos o Brasil cresceu 17,4%. O maior crescimento do mundo ocidental. Quando cheguei ao Governo encontrei uma taxa de desemprego de 8,2% e ela hoje supera 3 e pouco por cento. E a marcha da recessão, que todos apontavam, neste instante, nós já podemos dizer que ela não virá porque o Brasil começa a reencontrar o seu jeito de controlar a economia. Voltamos a ter grandes saldos de exportação, voltamos, no setor externo, a manter a performance do Brasil. E internamente, com coragem, com austeridade, com rigidez e com trabalho, nós vamos fazer com que o plano econômico possa, de novo, restaurar as esperanças do povo brasileiro. E é bom que eu diga isso, nesta tarde, na presença de deputados e senadores do Nordeste, esta região que mais precisa, que mais necessita e que não pode fazer um esforço maior do que está fazendo.